

# FORÇAS DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

## INTEGRAÇÃO NO COMBATE CONJUNTO

Tenente-Coronel Mark Jones, Exército dos EUA e  
Tenente-Coronel Wes Rehm Exército dos EUA

AS FORÇAS DE Operações Especiais (FOpEsp) foram o centro de atenções das Forças Armadas dos EUA e do mundo, durante a Operação *Enduring Freedom*, no Afeganistão. Apesar de toda essa atenção, esses profissionais, são apenas uma parte da equipe das FA norte-americanas. São membros de uma equipe conjunta formada por elementos de todas as forças militares, em conjunto com os outros elementos do poder nacional e de muitos parceiros multinacionais.

Esse artigo aborda muitas das áreas nas quais as FOpEsp estão procurando uma maior integração com essa equipe. Limitamos o escopo desse artigo em muitas áreas importantes. Para manter o enfoque na integração, deixamos de abordar as capacidades e limitações das FOpEsp. Também não falamos sobre dois elementos importantes dessas forças — as forças de operações psicológicas e de assuntos civis. Finalmente, não entramos em detalhes

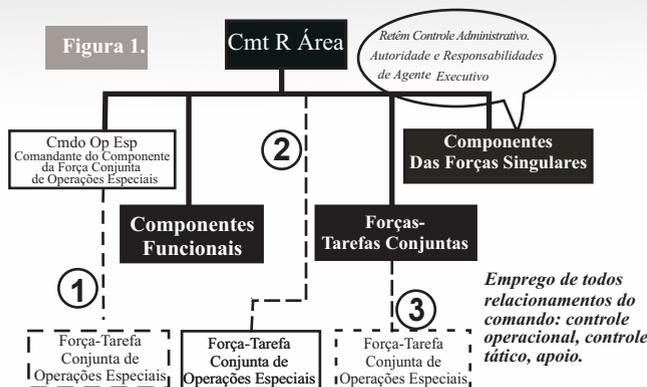
sobre a sua integração na arena interagência e multinacional.

No entanto, abordamos as FOpEsp no teatro, o papel do Comando de Operações Especiais, as opções de emprego de uma força-tarefa conjunta de operações especiais (FT conjunta de FOpEsp) e como sua integração total numa força conjunta incrementa as operações.

### FOpEsp no TO e o Papel do Comando de Operações Especiais

O comandante regional de área está a cargo do comando da FOpEsp no teatro, sendo o controle operacional exercido, na sua maior parte pelo Comando de Operações Especiais. Os comandos dos componentes das forças singulares do teatro exercem controle administrativo da FOpEsp de sua respectiva arma, para as atividades de rotina.

Possíveis Opções para o QG das FOpEsp para C2



O comandante do Comando de Operações Especiais é, em geral, o comandante de apoio que coloca as FOpEsp à disposição para serem empregadas pelos comandantes regionais de área. Ele poderá também ser designado pelo Secretário de Defesa, em certas situações, como o comandante que recebe o apoio para conduzir ou coordenar operações.

Cada um dos comandantes regionais de área possui um Comando de Operações Especiais de teatro. Em geral, o comandante do Comando de Operações Especiais é um *brigadier general* do Exército ou da Força Aérea ou um

*Mais do que nunca, os comandantes regionais de área estão se concentrando na cooperação de segurança do teatro e no estabelecimento de condições na área de responsabilidade para apoiar os interesses nacionais e as operações militares em potencial. Essa preparação do espaço de combate consiste da preparação operacional e de inteligência do campo de batalha.*

contra-almirante da Marinha. Esses comandantes têm três papéis importantes, semelhantes aos dos comandantes dos componentes das forças singulares do teatro. Também estão encarregados do controle operacional das FOpEsp agregadas ou subordinadas dentro da área de responsabilidade, aconselham o comandante regional de área e o estado-maior no emprego das FOpEsp e, quando necessário, organizam um QG operacional para conduzir operações especiais.

Em cada teatro de operações as FOpEsp, como qualquer elemento das FA, conduzem operações em toda a área de responsabilidade do comandante regional de área. Devido ao seu adestramento, equipamento e experiência essas forças, com frequência, proporcionam ao comandante regional de área uma presença como esclarecedores globais em toda a área de responsabilidade. Contudo, elas são forças de grande demanda e baixa densidade que recebem, seguidamente, missões políticas delicadas ou operacionalmente complexas e de alto risco. Essas missões exigem um grande conhecimento de planejamento e execução de operações especiais. O Comando de Operações Especiais é forçado a manter uma perspectiva estratégica

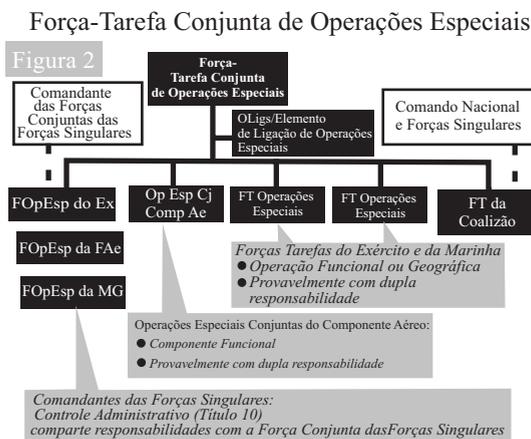
do teatro centrada nas condições do ambiente, mantendo ao mesmo tempo flexibilidade para responder às exigências inopinadas. Isso exige que as FOpEsp operem sob um planejamento e controle centralizado a fim de manter flexibilidade operacional e estratégica para garantir o êxito da missão.

## Opções de Emprego das FOpEsp no TO

Excluindo as operações psicológicas e as unidades de assuntos civis, as FOpEsp são comumente empregadas de três formas. O comandante regional de área pode continuar a controlar as FOpEsp através do Comando de Operações Especiais do teatro. Esse comando pode controlar diretamente as FOpEsp no papel de comando do componente funcional de operações especiais ou formar uma força-tarefa conjunta subordinada (por exemplo uma força-tarefa conjunta de operações especiais) para controlar a FOpEsp durante um determinado período ou numa área operacional específica. O Comando de Operações Especiais poderia ser designado pelo Grande Comando Regional de Área como um comando apoiado ou de apoio em relação a um componente de força singular funcional ou a uma força-tarefa conjunta para conduzir operações na área de responsabilidade.

Se necessário, o comandante regional de área também poderá exercer controle direto de uma FT conjunta de operações especiais. Essa situação poderá ocorrer quando o comandante regional de área quiser manter controle direto de operações altamente sigilosas, ou quando precisar de um alto grau de agilidade da FOpEsp para responder a situações que evoluam com rapidez em outro lugar na área de responsabilidade.

Seguindo recomendação do Comando de Operações Especiais, o comandante regional de área poderá também optar por atribuir uma FOpEsp, na forma de uma FT conjunta de operações especiais, ao controle de uma FT conjunta subordinada. Entretanto, esse controle nem sempre será absoluto. Ele também poderá manter alguns meios de FOpEsp sob o controle operacional do Comando de Operações Especiais para emprego generalizado no teatro. Essa opção lhe proporcionaria a flexibilidade para antecipar e responder a outras exigências na área de responsabilidade. O comandante regional de área poderá também limitar a autoridade da FT conjunta para distribuir tarefas específicas à FOpEsp, de acordo com a capacidade de controle daquela FT.





Departamento de Defesa

SEALs da Marinha americana descobrem um esconderijo de armas e munições durante uma missão de reconhecimento nas montanhas Jaji no Afeganistão, 12 de fevereiro de 2002.

Uma importante consideração organizacional para todas essas opções de emprego é que o QG tenha experiência em operações especiais e sistemas para apoiar o planejamento, o controle e o apoio operacional da FOpEsp. Esse conhecimento garante que a FOpEsp seja melhor empregada dentro das capacidades existentes para apoiar o combate conjunto.

A organização típica de uma FT conjunta de operações especiais (*joint special operations task force* — JSOTF) é semelhante à maioria das forças-tarefas conjuntas. Conta com comandantes de forças singulares como qualquer outra força conjunta. Ainda existe o vínculo administrativo com as respectivas forças singulares. Existem também similaridades no

aspecto aéreo. O componente aéreo de operações especiais conjuntas (*Joint Special Operations Air Component* — JSOAC) é organizado funcionalmente da mesma forma que o comando do componente aéreo da força conjunta (*Joint Force Air Component Command* — JFACC) o é para um comandante regional de área ou de FT conjunta. Forças-tarefas subordinadas à força-tarefa de forças

especiais conjunta são organizadas numa base funcional (para reconhecimento ou ação direta) ou numa base geográfica (ao direcionar suas ações para certas partes da área de operações conjuntas para melhor conduzir as operações). A FOpEsp tem experiência de trabalho em um ambiente de coalizão ou interação. Operações de coalizão poderão

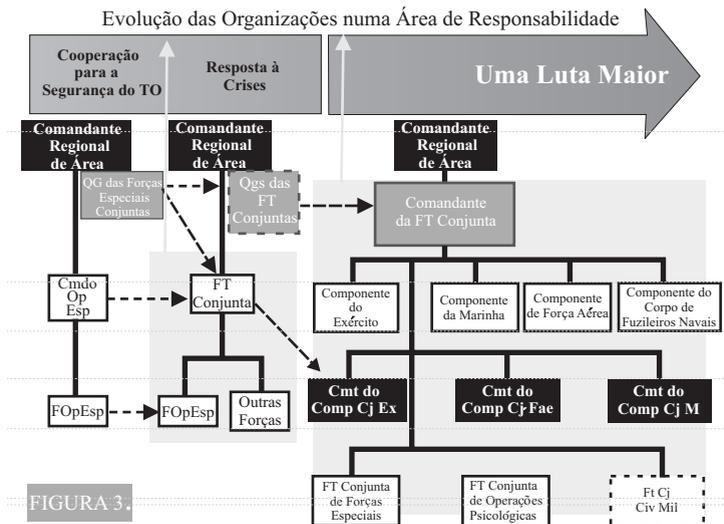


FIGURA 3.

ser integradas no nível tático ou em uma estrutura mais paralela de comando, dependendo da nação envolvida, grau de autoridade delegado pela liderança do governo a que pertence a força de coalizão, a capacidade e eficiência dessas forças, e da missão e do ambiente. A FOpEsp e a interagência também têm experiência em trabalhar juntas. Ambas entendem o valor da unidade de esforço e trabalham juntas para atingir objetivos comuns sem se preocuparem em obter claramente a unidade de comando.

Considerando-se as opções antes mencionadas para o emprego das forças de operações especiais no teatro, o comandante regional de área poderá empregar uma sucessão de organizações à medida que ele aborda o espectro total das operações militares. Poderá começar com uma organização de tempo de paz, com o Comando de Operações Especiais e outros componentes apoiando a cooperação para a segurança do teatro.

Em caso de crise, o Comando de Operações Especiais pode rapidamente formar uma pequena FT conjunta, normalmente com base em uma força de operações especiais para prover resposta rápida a uma crise. Os Comandos de Operações Especiais são inerentemente conjuntos e organizados, equipados e adestrados para executar a tarefa de formar, com rapidez, uma FT conjunta de operações especiais. O Comando de Operações Especiais pode também atuar como uma força-tarefa conjunta principal (como o modelo FT conjunta 510 no comando do Pacífico) para esclarecer a situação, à medida que o comandante regional de área forma uma força-tarefa conjunta maior e mais potente. Mais adiante, a FT conjunta com base na FOpEsp pode ser designada uma força-tarefa conjunta de operações especiais subordinada à FT conjunta maior. O QG permanente de força conjunta atualmente sendo organizado pelo Comando das Forças Conjuntas dos EUA com a cooperação dos comandantes regionais de área provê a estes comandantes e aos prováveis comandantes das FT conjuntas uma capacidade adicional para comando ou para expansão durante toda essa evolução.

**Preparação do espaço de combate.** Mais do que nunca, os comandantes regionais de área estão se concentrando na cooperação de segurança do teatro e no estabelecimento de condições na área de responsabilidade para apoiar os interesses nacionais e as operações militares

em potencial. Essa preparação do espaço de combate consiste da preparação operacional e de inteligência do campo de batalha. As FOpEsp podem apoiar outras agências governamentais nas atividades de preparação de inteligência do campo de batalha e conduzir a preparação operacional do campo de batalha sob o controle do comandante regional de área. Quando realizando a preparação operacional a FOpEsp conduz atividades pré-crisis para obter acesso e entendimento da área de responsabilidade e realiza operações como força avançada para estabelecer as condições para as operações militares previstas. É importante para os comandantes em potencial das FT conjuntas, estados-maiores e Forças Singulares entenderem o papel das FOpEsp nas preparações operacional e de inteligência do espaço de combate. Agências do Governo e a FOpEsp provavelmente estarão na área à medida que a FT conjunta se forma e as forças se desdobram e se preparam para as operações.

**Integração durante o emprego.** O tema de integração versus o de hostilidade tem relevância na comunidade da FOpEsp. Embora a FOpEsp ainda receba tarefas importantes do mais alto comandante da força conjunta, a sinergia recebida da colaboração lateral e o atendimento das necessidades dos componentes das outras Forças Singulares têm aumentado de acordo com as prioridades estabelecidas pelo comandante superior.

**Integração no planejamento.** Todos os QGs precisam de um profundo conhecimento para trabalhar com as FOpEsp. Essas forças continuam a ser defensoras da necessidade de um oficial de ligação (OLig) para ser o representante pessoal do comandante da FT conjunta de operações especiais no QG apoiado. Tanto a presença física como a virtual de um OLig (por meio de novas ferramentas de colaboração) são importantes para otimizar a integração e eficácia da força. Um dos problemas surgidos no passado ocorreu quando o OLig passou a realizar atividades tradicionais de estado-maior, como atualizar a carta de situação ou monitorar as atividades da FT conjunta de operações especiais. Essas são funções e responsabilidades do estado-maior do QG;

essas responsabilidades relativas às operações especiais são tarefas do estado-maior da FT conjunta de forças especiais, totalmente diferentes das funções de planejamento centralizado e de representante do comandante, características do OLig. O oficial de ligação tem um



importante papel, facilitando o relacionamento de comandos de apoio ou apoiados com os elementos vizinhos ao verificar e auxiliar no planejamento do estado-maior que está integrando. Seguidamente, os OLig adidos à FT conjunta de forças especiais têm aumentado, de forma significativa, o conhecimento da situação e a integração do planejamento e das operações.

**Integração no espaço de combate.** A FOpEsp deve ser muito bem integrada no espaço de combate. A chave para o sucesso consiste no inter-relacionamento de áreas específicas de operações, na autoridade do comandante apoiado designado e na maneira como a FOpEsp utiliza seu conhecimento no planejamento e execução das missões de operações especiais que satisfaçam às necessidades do comandante apoiado.

Tipicamente, o Elemento de Comando e Controle de Operações Especiais (*special operations command and control element — SOCCE*) ou a Unidade-tarefa de Guerra Especial da Marinha (*Navy especial warfare task unit — NSWTU*) é designado para auxiliar o comandante da força apoiada no controle das forças subordinadas dentro da respectiva área de operações. Essa unidade provê apoio direto ao comandante apoiado e exerce controle tático das forças subordinadas. O relacionamento entre o comando apoiado e o de apoio funciona muito bem e aprimora o combate conjunto.

O Elemento de Comando e Controle de Operações Especiais e a Unidade-Tarefa de Guerra Especial da Marinha, em conjunto com os respectivos OLig, fazem com que o relacionamento entre os comando de apoio e o apoiado seja eficaz e ágil. Essa não é a única forma como o comando e controle funcionam, mas é um bom começo. Como sempre, o comando da força conjunta tem a autoridade de se organizar da melhor forma para cumprir a missão. As comunicações das FOpEsp são também integradas para melhorar as operações conjuntas. As comunicações são realizadas dentro dos parâmetros estabelecidos pelo comandante apoiado, segundo sua conveniência específica e nos parâmetros estabelecidos. Isso permite ao Elemento de Comando e Controle de Operações Especiais, Unidade-Tarefa de Guerra Especial da Marinha, ou ao Elemento de ligação de Operações Especiais (*Special Operations Liaison Element — SOLE*) cancelar diretamente as comunicações de uma unidade operacional, o que pode reduzir o tempo entre o sensor e o atirador para minutos.

**Alvos e fogos.** Como foi estabelecido na Publicação Conjunta 3-09 (*Joint Publication — JP*) Doutrina para Fogo Conjunto (12 de maio de 1998), a designação das áreas de operações e dos comandantes apoiados são importantes para o emprego eficaz de fogos com rapidez. Esse fato é verdade em um campo de batalha linear, contíguo ou não contíguo.

O ambiente não contíguo apresenta muitos desafios

associados à organização do fogo e da manobra, muito semelhante ao que ocorreu no Afeganistão. Nesse tipo de ambiente a geometria do espaço de combate e as medidas de coordenação de apoio de fogo ainda são necessárias. Com base nas lições aprendidas na Operação *Enduring Freedom* a FT conjunta tem de tomar várias decisões importantes. Primeiro, a priorização e a repartição antecipada para garantir que os comandantes de fogo e de manobra recebam os meios para a execução de suas missões. Segundo, a designação de áreas de operações ou áreas de operações especiais conjuntas que confirmam autoridade e responsabilidade aos comandantes terrestres. Essas áreas poderão ser muito menores das que foram vistas anteriormente, podendo também ser quadriculadas e cobertas com “zonas de matar” que são ativadas ou desativadas à medida que as forças se deslocam. Por último, a designação dos comandantes apoiados e dos que prestam apoio para determinar quem é responsável pelo quê e para prover a respectiva autoridade necessária para a coordenação e as operações. As FOpEsp têm trabalhado com a comunidade conjunta e com as forças singulares para melhorar o apoio ao levantamento de alvos que são fugazes. Foi concluído que as informações podem produzir bons resultados, mesmo as informações do tipo além do horizonte. As FOpEsp e as forças singulares ainda estão trabalhando com outras táticas, técnicas e procedimentos (*Tactics, Techniques and Procedures — TTP*) para a orientação final dos projéteis lançados. Esse fato é muito comum com as munições no campo de batalha atual. Também foram criados processos para a execução rápida de tiros entre os elementos de fogos conjuntos da FT conjunta de operações especiais. Um acompanhamento preciso da força e o conhecimento visual da operação são indispensáveis para o seu emprego.

**Acompanhamento da força.** O acompanhamento da força está se tornando mais importante nas operações não contíguas e de movimento rápido. O acompanhamento de forças amigas e inimigas e a disseminação de informações são importantes tanto para o sucesso da missão como para a prevenção do fratricídio. O estabelecimento de uma estrutura clara para obter a imagem das operações em tempo real (*common operational picture — COP*) é um constante desafio para a FT conjunta. Na maioria dos casos a FT conjunta supre informações completas ao invés de discretas (ou censuradas) à imagem das operações em tempo real. Concluímos de que o fratricídio devido à falta de conhecimento da situação é uma ameaça ainda maior ao pessoal do Exército do que o comprometimento da provável localização da FOpEsp para assegurar os mecanismos de obtenção da imagem das operações em tempo real.

**Logística e comunicações.** A FOpEsp depende muito das forças singulares para a maioria do seu apoio administrativo. Esse inclui o apoio à base de operações, à

proteção da força e serviços comuns como combustível e rações. A utilização de verbas também é outro tema complexo no campo de batalha de hoje. As FT conjuntas e seus estados-maiores devem estar familiarizadas com o tipo de verba prevista no Título 50, especialmente quando apóiam ou trabalham com forças locais.

As comunicações da FOPEsp são, hoje mais do que nunca, interoperáveis com as forças conjuntas empregando a Rede de Protocolo de Segurança da Internet e o Sistema Conjunto de Comunicações Globais de Inteligência para o envio de informações. A FT conjunta deve planejar a política de comunicações e de segurança em múltiplos níveis, para interoperar com os parceiros da coalizão. Frequentemente, a segurança em múltiplos níveis é o maior desafio para as FOPEsp e a FT conjunta.

## **Autoridades para Aprovação da Missão e do Risco**

Em recentes exercícios e operações o comandante da força conjunta enfrenta seguidamente um dilema ao equilibrar o risco para alcançar os objetivos estratégicos com o perigo que correm as forças na condução da operação. O relacionamento entre o risco estratégico e o tático poderá ser inversamente proporcional; planejar a operação de forma a reduzir o risco da força pode incorrer em um risco inaceitável para a totalidade do objetivo estratégico. À medida que o risco tático aumenta, o risco estratégico também aumenta devido a maior possibilidade de um fracasso tático da missão. A configuração das operações é um exemplo desse tipo de fracasso. Operações seqüenciais talvez permitam um menor risco tático, mas correm o perigo de o alvo escapar ou de conduzir ataques assimétricos em outro lugar para conseguir seu objetivo. Operações simultâneas podem causar um maior risco para a força por estarem separadas. No entanto, podem atingir os objetivos estratégicos mais rapidamente.

As forças de operações especiais podem auxiliar a solução desse dilema ao operarem na área de maior risco tático. Isso nos faz voltar às decisões da FT conjunta para diminuir o risco tático e delegar autoridade para a aprovação da missão. Definir os níveis de aprovação

da missão permite aos subordinados designados operar dentro dos parâmetros da intenção do comandante e tirar vantagem das situações que surgem rapidamente no campo de batalha.

Um dos melhores meios das FT conjuntas articularem os níveis de aprovação da missão é o uso de um organograma de aprovação da missão. O organograma permite à FT conjunta designar a adequada autoridade para aprovação da missão baseada em vários critérios: político, econômico, sensibilidade das informações, riscos aos quais a força estará exposta em termos do cumprimento da missão, emprego de meios escassos e danos colaterais. Um fator a ser considerado, também, é o tipo de missão, se é nova ou uma que já ocorreu anteriormente. O processo de aprovação possibilita aos subordinados trabalhar segundo a intenção do comandante retendo, ao mesmo tempo, o controle necessário para a supervisão.

Guerra conjunta é exatamente isso; é conjunta e não de forças singulares independentes. A FOPEsp é um dos membros da equipe conjunta. Guerra conjunta significa trabalhar em conjunto para a execução da missão. Os dias em que era preciso possuir uma força (sob controle operacional ou controle tático) para se obter apoio e unidade de comando não mais existem. Com o aumento do relacionamento entre comando de apoio e comando apoiado, sinergia e confiança tem crescido entre os participantes da força conjunta.

Temos observado algumas áreas importantes que são continuamente reforçadas com os exercícios e as missões operacionais. Uma área que deve ser enfatizada definitivamente é a priorização dos esforços de apoio para garantir que todos saibam quais as prioridades e aloquem seus esforços para apoiar o combate conjunto ao invés das operações de sua força singular. Um ambiente estruturado e cooperativo pode auxiliar no desenvolvimento do melhor conceito de operação possível ao considerar a opinião de todos os envolvidos. Esse ambiente cooperativo estruturado pode permitir o intercâmbio de informações e intenções entre a FT conjunta, seu estado-maior, as forças singulares e também entre os seus combatentes. Finalmente, o que é importante é determinar o risco aceitável e definir claramente a ordem e subordinação da autoridade para aprovação da missão. **MR**

---

## **Referências**

*O Tenente-Coronel Mark Jones é piloto de operações especiais e membro do Comando de Operações Especiais do Comando de Forças Conjuntas dos EUA. Serviu anteriormente no Comando de Operações Especiais do Teatro tanto em exercícios como em missões operacionais e com os adestradores da força conjunta convencional no Centro de Adestramento Conjunto em Suffolk, Virgínia.*

*O Tenente-Coronel Wes Rehorn é oficial de Operações Especiais e membro do Comando de Operações Especiais do Comando de Forças Conjuntas dos EUA. Serviu anteriormente no Comando de Operações Especiais do Teatro tanto em exercícios como em missões operacionais e com os adestradores da força conjunta convencional no Centro de Adestramento Conjunto em Suffolk, Virgínia.*